

## Arcaico, Moderno, Popular. Reflexões em torno da noção de Arcaísmo e a Cultura Visual<sup>1</sup>.

Marcio Pizarro Noronha<sup>2</sup>.  
UFG – CAJ / PPG História – FCHF / PPG Música - EMAC  
marcpiza@terra.com.br; marcio.pizarro@hotmail.com

**Resumo:** O artigo-ensaio trata do uso e do funcionamento do termo arcaico na abordagem da imagem. A matriz do termo é encontrada no pensamento psicanalítico (Sigmund Freud). A partir da relação com uma temporalidade múltipla o termo é atualizado para o debate proposto pela disciplina da Cultura Visual. Desse modo, recupera o pensamento de Freud para o desenvolvimento da disciplina do mesmo modo como já foi feito com o uso da função escópica e do estádio do espelho, do pensamento de Jacques Lacan. A psicanálise é aqui um vocabulário para explorar imagens e as relações entre o Popular e a Modernidade.

**Palavras-chave:** arcaico, temporalidades, psicanálise, cultura visual.

**Abstract:** The article-essay deals with to the use and the function of the archaic term to approach the image. The matrix of the term is found in the psychoanalytical thought (Sigmund Freud). From the relation with a multiple temporality the term is up dated for the debate proposed for discipline Visual Culture. In this manner, it recoups the thought of Freud for the development of discipline the same way as has been already done with the use of the escopic function and the stadium of the mirror (mirror stage), in the thought of Jacques Lacan. Here, psychoanalysis is a detailed vocabulary for exploring images, and relations between Popular and Modernity.

**Keywords:** archaic, temporalities, psychoanalysis, visual culture.

### I. Introdução

*Todos os dias é um vai e vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai pra nunca mais  
Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai e quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
E assim, chegar e partir  
São só dois lados  
Da mesma viagem  
O trem que chega  
É o mesmo trem da partida  
A hora do encontro  
É também despedida  
A plataforma dessa estação  
É a vida desse meu lugar  
É a vida desse meu lugar  
É a vida...*

(*Encontros e despedidas*, 1985, Milton Nascimento e Fernando Brandt)

Quero dar início a este texto acadêmico e pequeno ensaio, com o trecho selecionado e acima apontado da letra da música de Nascimento e Brandt, **Encontros e Despedidas**. Peço ao leitor que guarde à memória as palavras e as conjunções propostas por esta letra: *a vida se repete na estação* (lugar de passagem, não-lugar – de Marc Augé -, lugar de mudança), *o chegar e o partir como*

*dois lados da mesma viagem* (os dois lados de uma moeda, na constituição da noção de símbolo), *onde a hora do encontro é também despedida*, num exercício que reforça o movimento e a passagem e, ao mesmo tempo, enuncia a compressão e o desaparecimento das diferenças entre os tempos (diferidos).

Trata-se de letra de música, música popular brasileira. Trata-se de configurações espaciais – topologias – em outro regime que podem ser remetidas à crítica da modernidade em Kafka. Talvez possa se pensar, a partir destas sugestões evocadas pelo cantarolar de música tão conhecida em nossa mente que se trata de uma noção cara ao Surrealismo e ao Dadaísmo, à Psicanálise, às relações entre ambos, e, aos tratamentos dados pela Cultura Visual aos temas e problemas advindos de definições clássicas, entre os temas e as divisões da cultura popular, da cultura de elite (alta cultura) e da cultura em termos mais abrangentes.

Para pensar tal relação, faz-se necessário um ponto de partida (que pode também ser de entrada ou de despedida, pois o ponto de partida, como o termo já diz é reta de largada e lugar de chegada). Mas tratemos dessa matéria, inicialmente, como se isto tratasse de um problema de começo.

Então, como nos começos, perguntamos: Do que trata quando falamos do Arcaico? Qual a convocação que é feita? Qual a evocação?

O Arcaico é um termo referido ao Tempo e às temporalidades, no domínio que, ao ultrapassar as fronteiras do filosófico traçou relações entre a Filosofia, a Antropologia e a Psicanálise. Nos termos deste debate, por via de uma operação de síntese, faremos um recorte neste lugar conceitual constituído e buscaremos propor uma relação entre a constituição do conceito, suas matrizes psicanalíticas, e o modo como estas são recuperadas para a constituição do vasto e polissêmico campo denominado de Cultura Visual.

Nada de novo no *front*. A Psicanálise já foi convocada a comparecer na formação deste campo de pesquisa quase que exclusivamente acadêmico através da noção de estádio do espelho e da função escópica (Lacan).<sup>3</sup>

O assunto é do meu particular e subjetivo interesse e diz respeito a um projeto voltado para se pensar uma Estética Freudiana e Lacaniana e seus desdobramentos e efeitos nos campos cruzados entre o ético e o estético, nos modos sugeridos por autores como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>4</sup>.

Nomeando esta função psicanalítica em exercício e o trajeto anterior desta reflexão, voltado especialmente para a Tópica do Imaginário, remetemos para as diferentes dimensões da temporalidade apresentadas na travessia de uma leitura freudiana e de uma leitura surrealista-lacanianana da problemática, implicando novas bordas para os tratamentos da Cultura Visual em suas matrizes paradigmáticas e na formação do seu campo propriamente dito epistemológico.

Então, tomemos de assalto o Arcaico.

## **II. O Arcaico**

Numa primeira perspectiva de leitura e de enfrentamento e trabalho do conceito, o termo Arcaico diz respeito à instalação de, numa dimensão temporal linear, há algo interminável referido a uma origem ou a restos que sobrevivem, sob a forma de um disfarce. Ocultos entre camadas espessas de terra, somente a escavação os faz vir à tona, os liberta, os recupera e os ilumina de sentido. Todo trabalho referido ao registro do Arcaico deve, portanto, fazer referência a um tipo de procedimento (metodológico e técnico) ou metáfora arqueológica. Nesta operação, para além do caco, do achado ou do resto, o que é mais importante é o regime da escansão de um terreno, camada por camada. Trata-se de um banho de luz sob a sombra de um cadáver que, aos moldes das mumificações egípcias, é restaurado à vida.

Nada nos aparece mais inatural. O que se evoca nesta tarefa é o trabalho do historiador que instaura, neste mote, a dimensão patrimonial de todo o passado ou, ao menos, quando se trata de matéria do passado, que deveria possuir a função de evocar.

Esta concepção de arcaico, assim constituída, remete aos problemas mais gerais da História e da Memória e, para um pesquisador do campo da História e, mais especialmente, de uma Historiografia da História da Arte, onde ficam mais explicados as redes entre História e Teoria da Arte, que se trata quase sempre de um problema evolutivo-linear interpretado às avessas, no procedimento arqueológico. Tudo se passa como espessamento de camadas temporais, onde sempre poderia haver um tempo anterior ao qual tudo poderia ser remetido, tal como nas formulações comuns aos mitos de Origem.

Este remeter ao Arqueológico é princípio fundacional da disciplina da História da Arte, já comumente evocado. A matéria, como sabemos, teve início nas fronteiras

dos estudos sobre as culturas materiais, nos métodos da História e nas expedições realizadas por uma arqueologia ainda em seu tempo de “saques”, tal como uma pirataria dos séculos XVI-XVII realizada no século XIX. É uma “caça aos tesouros” do mundo antigo, o que ocorre vigorosamente por quase uma centena de anos.

Em resumo, trata-se de pensar um Arcaico como originário, remetido para uma fronteira no aquém do projeto Ilustrado-Iluminista. Ele comparece certamente neste projeto como o seu avesso, mas só pode se fazer passar como Mito de Origem ou como inversão crítica do modelo esclarecido. Na forma mais clássica do pensamento, este Arcaico é aquele que fundamenta uma reflexão moral sobre a diversidade e encontra-se na esteira dos diários dos viajantes – no sentido menos sofisticado – e no ensaísmo de Montaigne e de Rousseau – nos graus mais elevados de uma crítica dos fundamentos de uma civilização, tal como a civilização européia.

E se pudermos voltar ao momento da constituição desta “arqueologização” fundadora e retomarmos o eixo do tempo e da constituição das camadas de temporalidade não como camadas sobrepostas, mas tal como se entra, na esteira dos desenvolvimentos do pensamento freudiano, como traços e dobras, onde se trataria mais de operações de justapor e de dar continuidade do que de sobrepor? Desse modo, nas heranças do pensamento freudiano, a seqüência do tempo geológico anunciado pela metáfora entraria em falência, ou, ao menos, deveria poder supor, que existem outros modos de ordenação do tempo<sup>5</sup>.

O que é Isto? Do que trata? Isto é o que transita especificamente para fora da seqüência – do *continuum* – do Tempo. Então, quanto ao Tempo, o Arcaico diria respeito à heterogeneidade do tempo, que se revela na forma-movimento de rupturas, escansões, fissuras, mudanças, transformações, metamorfoses, na forma de uma desarticulação do *continuum*.

Toda esta relação ao Arcaico não pode fazer a simples deferência à epistemologia do Sujeito-Objeto e, nem tampouco, das formas tempo-espaço dimensionados enquanto tempo (sucessão) e espaço (sincronicidade ou simultaneidade). No Arcaico, diacronia e sincronia não pertencem às categorias lógicas de tempo e espaço. No tempo, trata-se sempre de uma experiência atual da necessidade – “e de uma fome” – que nos liga ao que chamamos de Outrora (em Outridade). No espaço, trata-se de uma aberração do espaço que é distorcido e se escande em descendência temporal.<sup>6</sup>

Então, para onde se vai com Isso? Se a primeira acepção do termo remete ao avesso do Iluminismo ou à sua “versão culpada”, como no “bom selvagem rousseauista”, o projeto agora ganha contornos de outro Rousseau, o Henri.<sup>7</sup> Nele, não somente a dimensão de crise e crítica, mas também o sonho e o fantasma aparecem na constituição da modernidade<sup>8</sup>. Neste movimento, tudo se abre para diante e para trás, em busca do futuro e da origem, tal como no tempo verbal, um futuro do presente e um futuro do pretérito.

## **II. O fantasma**

Neste curto espaço de “tempo de ensaio” (na expressão de Laymert Garcia dos Santos), optaremos por articular isto à leitura pós-estruturalista e desconstrucionista de Jacques Derrida<sup>9</sup>. O autor enuncia uma temporalidade singular ou um momento espectral, um tipo de “sobrevida”. Esta sobrevivida é algo para aquém e para além da vida (presente). Nestes termos, Freud-Lacan-Derrida discordam da ideologia presenteísta que afirma – pós-modernamente – um ser aí que efetivamente efetiva um estar aí no mundo, do acontecer. A esteira nos informa da presença espectral que desarticula a identidade do presente. Há algo para fora do presente e do acontecimento que faz vivificar o arcaísmo. Portanto, o arcaico só pode falar de espectros e fantasmas, fantasmagorias.

O que é Isto (novamente)? O Fantasma é o que desarticula a presença do presente e que demonstra a nós a diferença entre o presente em relação a si mesmo, ou seja, a não-contemporaneidade do tempo presente a si-mesmo. O presente não se reconhece no espelho. Como poderia dizer Didi-Huberman, algo aparece no espelho e nos olha.

Em 1915, Freud já falava desta transitoriedade e isto poderia já afirmar que há um trabalho do luto que se inicia no fantasma, no espectro. A primeira atividade do luto é a espectralização do tempo presente, tornando-o aberto a tudo que não lhe é contemporâneo, ou melhor, fazendo contemporâneo àquilo que não está no presente. Nesta leitura, “O que é o transitório?” O presente afirmado é percebido como transitoriedade, angústia da passagem e da fugacidade, bem como produção da espectralidade, o que permite desarticular o presente e afirmar que só há presença consistente no fantasma: no presente-passado (o futuro do pretérito, o ir do que já se foi), na agoridade (o termo para uma temporalidade carregada de agoras) e no presente-futuro (o futuro do presente, o que ainda não veio).

“A hora do encontro é também despedida” ou, como diz Freud, a fugacidade do encontro entre o momento da contemplação com o momento da despedida, pois no encontro o que se anuncia é o fim, desde o seu começo, na promessa, todo encontro é hora marcada<sup>10</sup>. A compressão dos tempos num espaço – a estação – que é o lugar da passagem – ou um não-lugar – e que, portanto, reinstaura a temporalidade na mudança, no diferido, no movimento.

Isto é uma definição política e não histórica do tempo, pois não trata de reclamar do luto apenas a reparação, a recuperação (arqueológica) e a vingança – o Olho da História -, mas de desarticular o presente para abrir a abissalidade na dupla direção do passado e do futuro, exceder o presente em vias duplas, *road-movies*, nomeia algo no futuro, antecipado como passado. Isto é o que costumamos chamar de Previsão. São as direções da ausência, daquilo que não é mais e daquilo que ainda não aconteceu. O novo já está nos sinais do presente, o antigo continua vivo. Eis o fantasma.

O fantasma, o monstro, o estranho, eles todos familiares que, “antigos”, no processo de repressão, foram apenas identificados enquanto outros. O espacialmente situado no Outro é um temporalmente antigo – a lei da repressão (recalque). Nestes termos o recalque deverá produzir as condições para que o arcaico possa re-aparecer (na cena atual), mas agora enquanto estranho – ***Umheim-lich***.<sup>11</sup>

Então o arcaico não é algo que possa ser simplesmente escavado. Muito antes pelo contrário, o arcaico está na superfície e no presente. Ele volta dentro e por trás de toda instância repressora (recalque). Ele opera justamente no retorno do recalcado, naquilo que volta, surpreendendo-nos, desarticulando tempo-espaço, vindo do futuro para ocupar o lugar da própria instância repressora. Um pensamento das heranças, do que vem do que ainda não aconteceu ou do que foi abandonado (rastros), algo da ordem messiânica, o que faz as passagens entre Freud e Derrida<sup>12</sup>.

“Arcaico, Messias é o teu Nome... Aquele que chega(rá) nunca... Um Prometido...”<sup>13</sup>. Arcaico já é, portanto, aquilo que toda a teorização “pomo” (pós-moderna) denomina de simultaneidade (tempo desarticulado) e heterogeneidade (coexistência do heterogêneo, no espaço). Então, a fórmula do arcaico freudiano teria modificado a acepção tradicional do termo, de algo que se dá na sucessão do tempo, por inversão do sentido, da direção, num retorno ao passado, mas por

camadas temporais acumuladas, para o eixo que pensa tempo desarticulado e o espaço fragmentado.

Assim, a pontuação freudiana-derridiana, não irá tratar o tema do fantasma apenas pela compreensão da Imagem e do Imaginário. A questão posta pelo Arcaico diz respeito justamente a um sujeito mergulhado no Irreal (não no Imaginário, aquilo que é da ordem da cultura e do aprisionamento do Desejo na pequena esfera do **objeto a**). No Irreal, só há espaço para convocar o Mito, o correlato de todos os Fantasmas. O Fantasma não é necessariamente imaginarizável, ele está atrás da cortina, acompanhando o medo, incomunicável, inapreensível, impossível de ser encontrado ao fim da história, não sendo alvo de negociação ou troca (cultural). Como avisa Derrida, o Fantasma só surge. Ele aparece quando olhamos para o que não podia ter sido visto – um intervisto do interdito. Ele só aparece quando o que vemos nos olha – a nossa imagem no espelho abre a fenda para encontro com o próprio Olhar. E essa imagem autônoma – fantasmal – faz todos os Duplos.

Esta é a efetiva matéria da qual se fazem os monstros e a alteridade. Não é algo que se configura na preponderância de um sistema de diferenças quantificado-qualificado por imagens imaginárias. Eles são feitos de resíduos, excrementos, medos. Ele é da ordem da interdição. Ele está à serviço de uma travessia para o Supereu e, por isso, a Sobrevida, um ganho de vida, um sopro, um a mais, que barganhamos com o verdugo da Morte. Assim, o Fantasma é da Ordem do Irrepresentável, voltado para a Morte – e não para as imaginarizações alegóricas da caveira, do esqueleto.

Uma compreensão rigorosa do tema associado a uma perspectiva da Cultura Visual já indica que o tratamento não seria afeito ao conjunto histórico (da arte), que observa as imagens enquanto integrando um repertório iconográfico. Não se trata disso efetivamente. Ele estaria mais próximo da filmografia de horror e, para citar dois dos exemplos mais afins do nosso tempo, encontra-se traduzido nos filmes **O Labirinto do Fauno** e **O Orfanato** (filmografia de língua espanhola com distribuição mundializada).

Especialmente no segundo filme o conceito de Fantasma deixa antever a operação do tempo desarticulado e do espaço fragmentado. O que aparece como Imagem – a Casa Assombrada – é, em efeito, a dobra topológica entre corpo e espaço no acontecimento-tempo. Assim, um evento escansiona o tempo, abre sua

fenda, territorializando-o (topologizando, em realidade) nas direções do passado e do futuro. O que acontece é afastado para lugares do passado e do futuro, mas voltando destes não apenas como Imagens, mas como horror.

Joga-se para uma compreensão de um passado carregado de sentido – o da história da mulher e sua própria condição de órfã. Mas faz mais do que isso jogar para o futuro. O que volta do futuro é o mesmo passado ou um outro, onde há a compreensão de que os fantasmas são atuais e não estão apenas guardados na memória da mulher, mas como algo que insiste. Neste vai-e-vem, a mulher procura a passagem para este outro mundo – viagem para o Reino dos Mortos. Se aqui a história do passado só se entende atualizada no acontecimento do presente, apagando o presente para fazer reviver o passado no presente, afirma-se nisto a destinação alucinatória e reafirmando o Arcaico, um entretempo num entre-lugares.

N' **O Labirinto do Fauno**, esta condição demonstra o caráter mítico e onírico do histórico. A história labiríntica é também mítica e, à luz dos olhos da menina, fusiona o tempo da guerra espanhola com o tempo dos mitos, saída que não é apenas do Imaginário, mas do Fantasma.

Ao final, nestas duas histórias, entende-se que fantasmas sempre estiveram lá ou vieram de algum lugar fora do tempo do agora, do passado ou do futuro, sob encomenda, identificados ao Outro de qualquer outro mundo (Derrida, seja do estrangeiro reconhecido ao bárbaro irreconhecível e inaceitável), vindo daquilo que deveria ter ficado para sempre de fora, para sempre como Outro (Maurice Blanchot). O outro mundo pode ser um reino mítico – o do Fauno – ou do passado efetivo de uma mulher – o do orfanato e suas crianças. Em ambos, tudo foi remetido para o lado de fora do Imaginário.

Assim, nos termos de um encontro, Derrida anuncia que, no arcaico, o problema não se trata de, ao convocar o fantasma reclamar os direitos (e os deveres). Pois isto é o que faz o que se dá entre imaginário e simbólico, o que se faz privilegiadamente com o “direito à diferença”. Sua ordem é referente àquilo que aparece depois da vingança. Ela se chama Justiça.

E eis aqui àquilo que aparece como desafio ao encontro nas preocupações entre cultura visual e estudo da imagem. Pois, tratar de eixos da diversidade e de imagens que operam diferenças – culturais, sexuais, étnicas, raciais – é algo que deixa de lado a posição do que nunca passa. Assim, não é apenas de repertórios ou bacias semânticas de imagens outras que se pode e deve falar e operar.

## Referências

- ADAMS, Laurie Schneider. **The Methodologies of Art: an introduction**. New York: HarperCollins books, 1996.
- BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, J. **Estados-da-alma da psicanálise**. O impossível para além da soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001.
- DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. RJ: Forense-Universitária, 2001.
- FRANÇA, Maria Inês. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, 1ª. Reimpressão, 1988.
- KAUFMANN, Pierre. 1996) **Dicionário enciclopédico da psicanálise : o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar.
- KOFMAN, Sarah. (1996) **A infância da arte : uma interpretação da estética freudiana**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará.
- LEADER, Darian. **O roubo da Mona Lisa: o que a arte nos impede de ver**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MAJOR, René. **Lacan com Derrida**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- REGNAULT, F. **Em torno do vazio, a arte à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2001.

---

<sup>1</sup> Este texto resulta da reflexão apresentada em palestra no Programa de Mestrado em Cultura Visual, através da disciplina das professoras Leda Guimarães e Rosa Berardo, no primeiro semestre de 2008. Meus agradecimentos às duas colegas e especialmente ao convite da professora Leda Guimarães à integrar a discussão do grupo em torno dos temas do multiculturalismo e da cultura visual. O texto tem como premissa dar corpo ao pensamento em torno do popular, do moderno e do arcaico.

<sup>2</sup> Marcio Pizarro Noronha é Psicanalista e Doutor em Antropologia e Doutor em História. Atualmente trabalha nos Programas de Pós-Graduação em História e em Música, da UFG. Desenvolve atividades no CAMPUS AVANÇADO DE JATAÍ – CAJ, no curso de graduação em História e junto ao Grupo de Pesquisa do PPP Artes Visuais do CAJ. É líder do Grupo de Pesquisa Diretório CNPq INTERARTES.

<sup>3</sup> Nestes termos, em outra oportunidade, já tratei do tema da função escópica, relacionando diretamente os conceitos de espelho e de quadro para pensar uma "teoria" lacaniana da pintura. Este trabalho foi apresentado como parte do resultado de pesquisas desenvolvidas no Programa em Cultura Visual, FAV, entre os anos de 2003 e 2005.

<sup>4</sup> A formação subjetiva é uma das marcas para o revigoramento desta costura. Nestes termos, deve-se interfaciar aqui e nomear a nossa própria formação psicanalítica, demarcada no campo Freud e Lacan, mas reconfigurada em torno da formação acadêmica e das leituras do pós-estruturalismo e do pós-modernismo.

---

<sup>5</sup> Uma hermenêutica do tempo, aos moldes de Heidegger e, mais adiante, de Paul Ricoeur, trata justamente desta problemática, enunciando que as categorias apriorísticas, também elas conduzem a um recalque ou a um silenciamento das condições do seu aparecimento. Numa ampla reflexão entre tempo e cultura, sob a coordenação de Ricoeur, estamos diante desta problemática que, mais do que na própria Filosofia aparece insistentemente no modo como as pesquisas antropológicas tratam do problema do tempo enquanto categoria, experiência e dimensão do vivido.

<sup>6</sup> Remeto, neste curto espaço do texto, a três grandes exemplos desta situação nomeada: a topologia lacaniana, as leituras do tratado de inestética de Badiou e à arquitetura e à teoria da arquitetura de Peter Eisenman.

<sup>7</sup> A leitura de Henri Rousseau, como outra perspectiva para o tratamento da modernidade, poderá ser encontrada no livro-cd *Teorias da Arte e da Cultura*, texto e material didático que integra o programa de Licenciatura em Artes Visuais à Distância, programa UAB, da Universidade Federal de Goiás, de autoria de Marcio Pizarro Noronha.

<sup>8</sup> O fantasma e a fantasmagoria são evocados em todas as filosofias da suspeição – marxismo, psicanálise freudiana e pensamento nietzschiano – tal como o demonstra Michel Foucault. Nesta direção devemos ressaltar a importância das reflexões produzidas no âmbito da Teoria Crítica para o tema, enfatizando aqui as leituras alegóricas do tema em Walter Benjamin. Na Teoria contemporânea da arte, Georges Didi-Huberman é o leitor que privilegia esta relação Benjamin-Freud para o estudo da arte contemporânea, enfrentando-se com o Minimalismo por este viés do fantasma e da fantasia. Remeto aqui ao texto **“DOCUMENTOS DE ARTISTA, MONUMENTOS DE ARTE. ARTE, HISTÓRIA E PSICANÁLISE E AS LEITURAS SINTOMAS E DA CRIAÇÃO EM TEXTOS E DOCUMENTOS DE ARTISTAS”**. Este trabalho foi alvo de uma primeira reflexão no ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, no Simpósio 10, **SENSIBILIDADES ARTÍSTICAS E PERCEPÇÕES ESTÉTICAS NO SÉCULO XX: ENTRE SINTOMAS COMPARTILHADOS E SINGULARIDADES IRREDUTÍVEIS**. No momento atual, uma versão integral e revisada, integra um conjunto de textos de uma coletânea em novos objetos da pesquisa histórica e histórica cultural, em fase de publicação pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2008.

<sup>9</sup> Remeto às leituras de Jacques Derrida e seus intercursos na psicanálise. Nestes termos ver: DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971; DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise*. O impossível para além da soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001; DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Estas questões são examinadas com profundidade no texto de MAJOR, René. *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Para uma abordagem aplicada destas relações ver também NORONHA, Marcio Pizarro. “A masculinidade em cena ou encena” in: *Diversos autores. Masculinidade em crise*. Comissão de Periódicos da APPOA. Porto Alegre: APPOA, 2005

<sup>10</sup> A literatura afigura o tema de modo evidente. Em Gabriel Garcia Márquez, n’**O amor nos tempos do cólera**, o narrador identifica a pré-história de todos os amores. No primeiro encontro, encontramos toda a nossa história de amor. Ali já se enuncia nossos elos nos ecos de passados, em algo que já indo passou, pois nem percebemos e já foi, pré-figurando o porvir, o acontecer. Nosso destino é uma destinação, pré-figuração, entre devires há sempre a fatalidade, crônica do amor anunciado, numa enunciação que nos exterminará. Até o fim dos tempos, todo o fim está já anunciado no primeiro encontro de amor.

<sup>11</sup> O tema é de extrema importância na formulação dos Estudos Culturais em sua vertente de língua inglesa. Numa coletânea, apresentada ao leitor brasileiro por Tomáz Tadeu da Silva, a pedagogia dos monstros é apresentada com o seu caráter de pensar a alteridade. Falta a este conjunto de textos justamente esta articulação que se dirige ao tema do Arcaico e do Estranho, na tradição crítica da modernidade, tal como se apresenta nos textos históricos e culturais de Sigmund Freud. Assim, podemos refletir sobre estas condições que aproximam a pedagogia freudiana desta configuração da pedagogia dos monstros. MDMagno, psicanalista brasileiro, afirma que um dos assuntos de maior pertinência ao pensamento freudiano é o da Pedagogia, pois ela diz respeito ao modo como um exercício dos saberes promove um estado que visa à singularização. Assim, o autor afirma a importância de uma distinção entre a pedagogia, a didática e a Educação. Para ele, tudo o que pode dizer algo à alteridade e à singularidade só pode ser afirmado como sendo da Pedagogia, pois é nela que reconhecemos a nossa “douta ignorância, a solidária solidão, o vínculo com os da espécie, a dura gentileza nas relações entre os seres humanos e a transmissão dos modos inventados para se dar conta das demandas do mundo (há que ter algo, há que fazer algo da vida, há que ser algo ou alguém), mesmo quando, nosso desejo se instaura sempre na dimensão pulsional, como desejo de não saber.

<sup>12</sup> Aqui poderíamos ter dado preferência pelas relações entre Freud e Benjamin. Mas este caminho já foi investigado na perspectiva apontada pelo teórico da arte, Georges Didi-Huberman.

<sup>13</sup> Então, na leitura derridiana, a tomada do Unheimlich anunciado diz respeito ao conjunto: Heim, hóspede; Geheimnis, segredo; Heimlich, familiar; e, Unheimlich, não-familiar (estranho). Este Heim (hóspede) permaneceu estranho, menos por não ter sido esperado (pois messianicamente, esperado) do que por se tratar de um Vazio, um Não-Habitado, um Deserto do Ser, menos inabitual do que inabitado, pois se trata de algo inóspito efetivamente. “Assim, Bem-Vindo seja o Fruto de Vosso Ventre parido no Deserto do Real!”, algo que pode remeter ao tratamento dado por Slavoj Žižek ao problema do termo Real no pensamento lacaniano.

## **Márcio Pizarro Noronha**

Psicanalista, Doutor em História (PUCRS), Doutor em Antropologia (USP). Foi Vice-Diretor da Escola de Música e Artes Cênicas (UFG), no ano de 2007. Atualmente integra o corpo docente do CAJ – CAMPUS AVANÇADO DE JATAÍ, atuando no curso de História. Preside a Comissão do PPP ARTES VISUAIS – CURSO PRESENCIAL, do CAJ. Professor e pesquisador dos Programas de Pós-Graduação em Música e do PPG História da UFG. Coordenador da área de Artes Cênicas, curso presencial e da Educação à Distância, no ano de 2007. Coordenador do curso de Design de Moda – FAV UFG, nos anos 2003/2005. Coordenador e líder do Grupo de Pesquisa CNPq INTERARTES: PROCESSOS E SISTEMAS INTERARTÍSTICOS E ESTUDOS DE PERFORMANCE. Membro de diversas associações de ciências humanas e artes no Brasil. Coordenador de Simpósios Temáticos

---

no campo INTERARTES na ABRALIC, na ANPPOM e na ANPUH. Desde o ano de 2004 o grupo existe como realidade concreta de pesquisa e têm tido repercussões na formação de bolsistas de iniciação científica (sistema PIBIC e PIVIC / CNPq), mestrados e doutorandos em Artes, Música e História. No ano de 2006, por iniciativa do líder em parceria com outros membros organizamos três Grupos de Trabalho para os congressos da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), ANPPOM (Música) e ANPUH NACIONAL E ANPUH GOIÁS, respectivas associações de pesquisadores em História. Na fase atual, em relação aos estudos das artes do corpo, artes cênicas e design, o professor doutor Marcio Pizarro Noronha desenvolve pesquisa bibliográfica acerca da presença do conceito de corpo enquanto arte, através da teoria e das práticas artísticas, para pensar os temas da Teoria da Arte e Teoria Interartes.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.